

O SISTEMA DEFENSIVO DO CASTELO DOS MOUROS DE VILARINHO DOS GALEGOS (MOGADOURO, NORDESTE DE PORTUGAL), TIPOLOGIA, FASEAMENTO E CRONOLOGIA

António Pereira Dinis

*Investigador do CITCEM/UM (Centro de Investigação Transdisciplinar Cultura, Espaço & Memória / Universidade do Minho). Coordenador do projeto Estudo e Valorização do Castelo dos Mouros, Vilarinho dos Galegos, Mogadouro (Norte de Portugal).
antoniopdinis55@gmail.com*

Emanuel C. Gonçalves

*Arqueólogo do Município de Mogadouro
manuelinos@mogadouro.pt*

RESUMO

Os trabalhos arqueológicos levados a cabo, nos últimos anos, no Castelo dos Mouros de Vilarinho dos Galegos (Mogadouro), no Nordeste de Portugal, facultaram um conjunto de dados muito relevante para o conhecimento do seu sistema defensivo, constituído por muralha e torreão, pêtrees, antecedidos por fosso e pedras fincadas.

O cruzamento da informação obtida com a leitura e interpretação da planimetria e parâmetros das arquiteturas militares, em articulação com os dados estratigráficos e datações radiométricas, permitem-nos formular uma hipótese de faseamento para o complexo defensivo do Castelo dos Mouros, hipótese que esperamos corroborar em futuras escavações.

ABSTRACT

The archaeological work carried out at the hillfort Castelo dos Mouros of Vilarinho dos Galegos (Mogadouro), in the Northeast of Portugal, brought up relevant data on its defensive system, with stony wall and turret, preceded by a ditch and a wide field of "chevaux de frise".

The correlation of the data provided by both the plan of the site, the peculiar masonry of the defensive structures, site stratigraphy, and radiocarbon dating, allow for a hypothesis of the occupational phases of the hillfort, which one expects to substantiate in future excavations.

PALAVRAS CHAVE

Nordeste de Portugal; Mogadouro; Castelo dos Mouros de Vilarinho dos Galegos; Idade do Ferro; Sistema defensivo

KEY WORDS

Northeast of Portugal; Mogadouro; Castelo dos Mouros of Vilarinho dos Galegos; Iron Age; Defensive system

INTRODUÇÃO

Num rebordo do planalto mirandês, na zona de fronteira, de frente para a localidade espanhola de Aldeadávila de la Ribera (província de Salamanca), ergue-se sobre as arribas do Douro Internacional um povoado fortificado, conhecido localmente pela designação de Castelo dos Mouros, Castelhinho ou Castro de Vilarinho dos Galegos.

O acesso automóvel ao sítio faz-se a partir da aldeia de Vilarinho dos Galegos, utilizando um estradão de terra batida, ladeado de campos agricultados de vinha e olival, seguindo para Sul, na direção do rio Douro.

Administrativamente, o Castelo dos Mouros pertence ao distrito de Bragança, concelho de Mogadouro, União de freguesias de Vila-

rinho dos Galegos e Ventuzelo, apresentando as seguintes coordenadas geográficas (Carta Militar de Portugal, escala 1:25.000, fl. 120):

Latitude: 41° 15' 13" N

Longitude: 6° 43' 54" W (meridiano internacional)

Altitude: 600 metros

Ocupando um pequeno cabeço que se distingue na vertente este de um relevo, em esporão, na confluência da ribeira de Vilarinho dos Galegos com o rio Douro, o Castelo dos Mouros disfruta de uma posição defensiva particularmente favorável, proporcionada pelas encostas rochosas, muito abruptas e um domínio visual de excelência, permitindo controlar todo o território circundante, com exceção do flanco oeste, o único ponto por onde é possível aceder ao sítio.

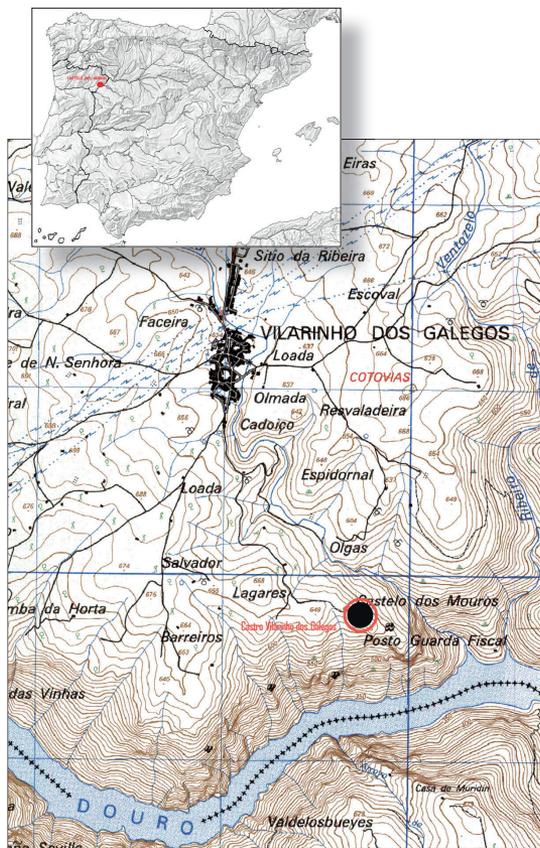


Fig. 1 – Localização do Castelo dos Mouros na Península Ibérica e no Norte de Portugal. Fig. 2 – Localização do Castelo dos Mouros na CMP, escala 1:25.000, fl. 120.



Fig. 3 – Implantação do Castelo dos Mouros sobre as arribas do Douro.

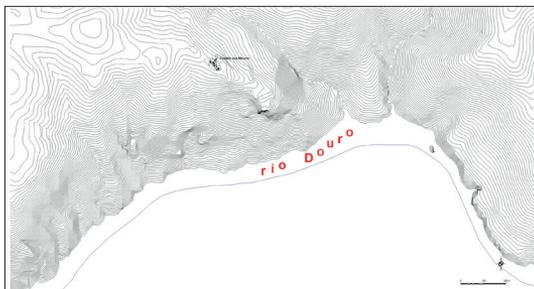


Fig. 4 – Topografia do relevo onde se implanta o Castelo dos Mouros.

A geologia do local é complexa¹, conforme atestam as formações graníticas, pegmatíticas, xistosas e quartzíticas que afloram por toda a área e, na envolvência do sítio, num raio de cerca de 5 km, são referidas ocorrências minerais de ferro, estanho, chumbo e prata².

A diversidade e facilidade de obtenção de matéria-prima construtiva a par da existência de água que ocorre nas proximidades, chegando a brotar, em anos de maior pluviosidade, junto do próprio castro e a ocorrência de minérios na zona terão sido factores que influenciaram a escolha deste lugar, durante a Idade do Ferro, para implantação de um povoado fortificado.

TIPOLOGIA DAS DEFESAS

Embora muito afectado pela secular utilização agro-pastoril, pelo roubo sistemático de pedra e por violações clandestinas³, o Castelo dos Mouros ainda conserva parte do imponente sistema defensivo, característico de muitos povoados fortificados do Nordeste transmontano (REDENTOR 2003, 140), neste caso agregando pedras fincadas, fosso, torreão e muralha.

1. Pedras Fincadas

Para quem chega do lado poente, o único ponto de acesso ao local, depara-se com um campo aplanado, preenchido por mais de uma centena de blocos de quartzo, de

¹ O substrato rochoso integra a denominada Formação da Dejesosa, caracterizada pela alternância de filitos com metagrauwaques e metaquartzo-grauwaques, às vezes carbonatados, que se desenvolve tendencialmente no sentido Nordeste-Sudoeste (Carta Geológica de Portugal, escala 1:200.000, fl. 2).

² A exploração de um veio de galena, no sítio do Vale das Eiras, nos arredores de Ventuzelo, foi levada a cabo pelos soldados portugueses, durante as Guerras da Restauração, em meados do século XVII (SILVA 1817, 80). A pouca distância do Vale das Eiras, na mina do Carril, retirou-se, há exatamente três séculos, chumbo com concentrações de prata (*Idem*, 78-79).

³ A população de Vilarinho dos Galegos refere que na década de 1970 foram realizadas escavações clandestinas no Castelo dos Mouros, tendo aparecido ossos, cerâmicas e objetos metálicos, desconhecendo-se o paradeiro desse espólio.

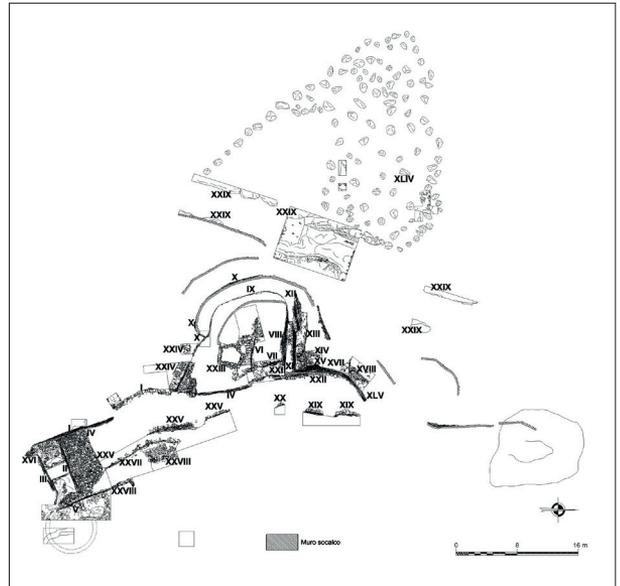


Fig. 5 – Planta do Castelo dos Mouros, com indicação das estruturas escavadas

média e grande dimensão, distribuídos de forma caótica, pousados ou semi-enterrados no chão (Est. XLIV). É de assinalar a exclusividade do quartzo como matéria-prima destas pedras fincadas, situação que entendemos configurar o acentuar da dificuldade de atravessamento daquele obstáculo, devido às arestas cortantes da pedra, para além do maior reflexo que a incidência do sol deveria emitir sobre o quartzo, reforçando o impacto visual e a monumentalidade daquele espaço.

A área abrangida por este campo de pedras fincadas mede cerca de 160 m² e configura um triângulo, com a base encostada ao rebordo oeste do fosso e o vértice superior orientado para NO. A metade sul deste espaço foi perturbada com a abertura de uma estrada de acesso aos campos em socalco, voltados ao rio e à ribeira e pela construção de um abrigo de pastor e um cercado, com mais de 40 m de perímetro, que terá servido de prisão de gado. Estas estruturas incorporaram muitos blocos de quartzo, fruto da reutilização de pedras fincadas que se erguiam no lugar.

Duas sondagens de escavação realizadas nos extremos norte e sul desta área, revelaram uma potência estratigráfica muito reduzida e pouco esclarecedora e não forneceram qualquer espólio.



Fig. 6 - Vista parcial do Castelo dos Mouros, com o campo de Pedras Fincadas em 1º plano.



Fig. 7 - Pormenor dos blocos de quartzo que integram o campo de Pedras Fincadas.

2. Fosso

Imediatamente a seguir a esta barreira pétreia e antecedendo o torreão e a muralha fica o fosso, talhado no afloramento de pedra. Embora o rebordo nascente esteja parcialmente ocultado por um muro de contenção de soalco, plantado com oliveiras, a área já escavada e a prospeccção do terreno permitem afirmar que esta estrutura, com perfil longitudinal, irregular, e orientação genérica NNE/SSO, atinge um comprimento superior a 40 m, com uma largura média de 4 m.

As escavações identificaram uma secção irregular, tendencialmente em U e uma profundidade média de 4 m. Nas paredes e na base, aplanada, do fosso reconhecem-se veios de pegmatito e de quartzo, alguns com espessura significativa, o que leva a admitir ter sido aqui o local de abastecimento da pedra da muralha e dos blocos de quartzo utilizados como pedras fincadas.



Fig. 8 - Pormenor da base do fosso, com espesso veio de quartzo.

O interior do fosso encontrava-se entulhado por dois níveis de sedimentos (UE 76 e UE 76A, sendo este último composto por muitos elementos pétreos de pequena, média e grandes dimensões, provenientes da muralha e do torreão.

3. Muralha

Os trabalhos arqueológicos desenvolvidos no Castelo dos Mouros puseram à vista alinhamentos e paramentos, cuja morfologia e características tipológicas configuram duas estruturas de muralha, erguidas em momentos distintos, mas que mantêm o mesmo perfil em meia lua. À muralha que está à vista, e que em parte ainda ostenta grande monumentalidade, chamá-mos Muralha II e à mais antiga, mais estreita e menos cuidada, ocultada pelos enchimentos ou pela face exterior da segunda, convencioná-mos denominar Muralha I.

3.1. Muralha II

A muralha mais recente está representada pelas Est. I e XXII, que configuram dois tramos da sua face externa e pelas Est. XIX, XX, XXV e XXVIII que correspondem a dois patamares da parte interna.

Com um único paramento voltado a OSO e uma inclinação de 9°, a Est. I está implantada sobre o afloramento granítico, sem recurso a qualquer elemento de fundação. Construída quase exclusivamente em granito, com blocos de dimensão e talhe regulares, apresenta orientação NNO/SSE, com 19,70 m de comprimento por 3,75 m de altura máxima. O aparelho, em

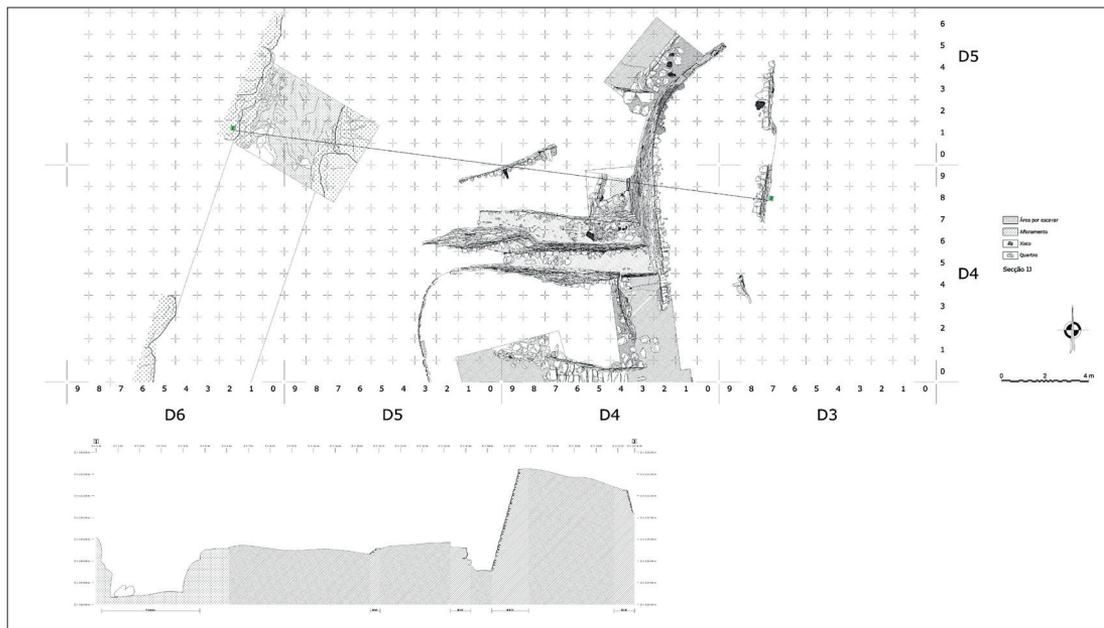


Fig. 9 – Secção relacionando o fosso com a Muralha II (Est. XXII, face externa e Est. XIX, último patamar da face interna).

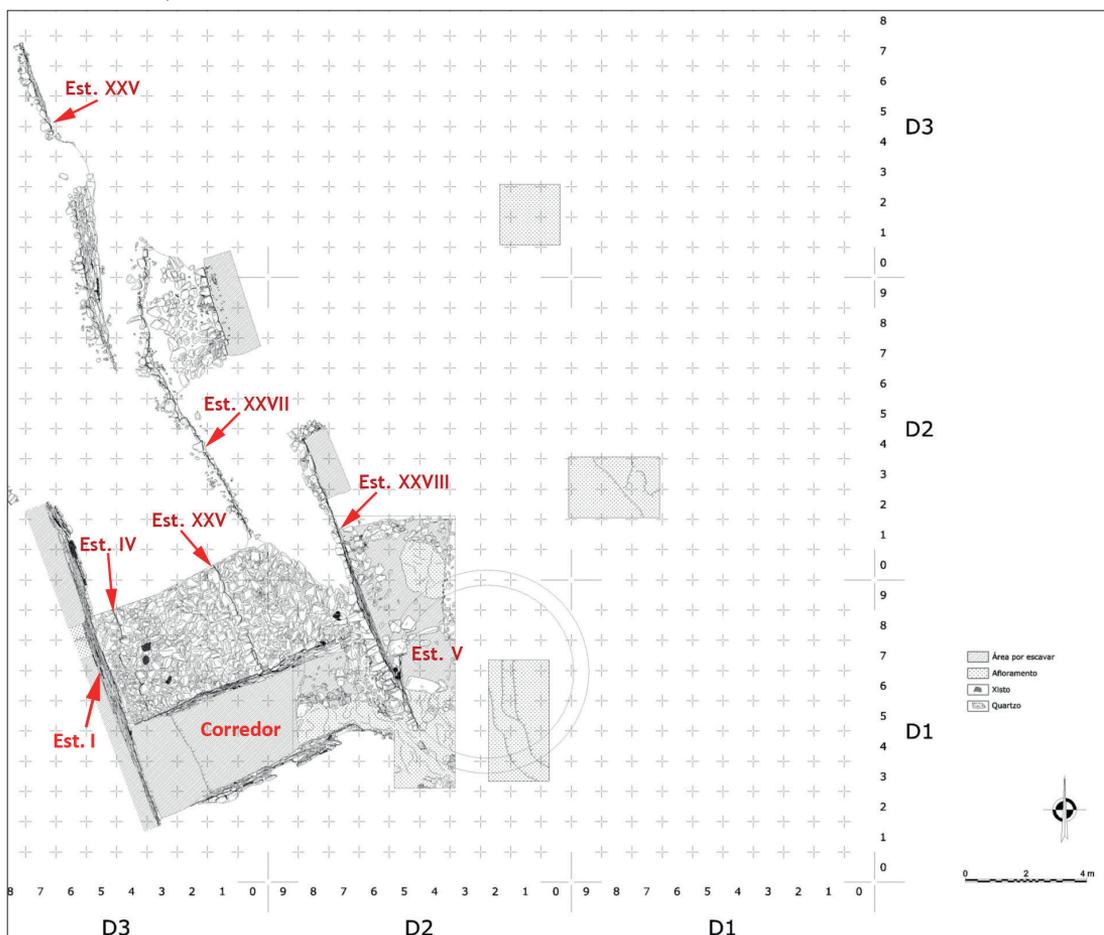


Fig. 10 – Estruturas que integram as Muralhas I e II e o corredor.

fiadas horizontais mais ou menos ordenadas, revela afeição da face externa da maioria das pedras. No limite sul, ainda preservado, a Est. I tapou um vão, com 2,45 m de largura, condenando o acesso ao interior do povoado, através de um corredor que se desenvolvia perpendicularmente.

Apresentando características técnicas semelhantes ao muro anterior, a Est. XXII tem perfil curvo com orientação NE/SO/S e inclinação de 14°, com 22,25 m de comprimento e 5,20 m de altura máxima.

As escavações mostraram que os dois tramos da Muralha II estão separadas entre si por um segmento de muralha mais antigo, que foi ocultado pelos enchimentos do torreão, comprovando-se as ligações entre os muros, apenas do lado sul onde é notória a costura com a Est. I já que do lado norte uma vala de violação, de época contemporânea, perturbou a zona de contacto com a Est. XXII. Porém, no extremo NE desta Est. XXII, é bem visível a costura com outro segmento da muralha mais antiga (agora de-

nominado Est. XLV), situação que desde 2011 já havia permitido afirmar a diacronia construtiva do edificado (DINIS & CAMPOS 2014b, 234).

Encostados à Est. XXII existem dois muros que apontam para uma função de contrafortagem. Trata-se das Est. XVII e XVIII, que arrancam no ponto mais pronunciado da curvatura da muralha, o primeiro deles, com duas faces, desenvolvendo-se perpendicularmente àquela estrutura e o segundo, acompanhando-a por alguns metros.

Uma pequena sondagem (S11) implantada sobre a Est. XXII, para caracterizar as respectivas fundações, revelou mais muros de contenção (Est. XIV e XV) e uma estratigrafia com vários níveis de enchimento de terra e pedras. O espólio recolhido foi pouco significativo, com exceção de um potinho, em aba soerguida e lábio boleado, incompleto, proveniente da UE52, que corresponde ao alicerce da muralha. A datação por C14 de uma amostra de resíduos queimados retirados do seu interior forneceu os seguintes resultados:

Quadro 1:
Resultados
de datação
radiométrica,
de sedimentos
da UE52.

Sample Data	Measured Radiocarbon Age	13C/12C Ratio	Conventional Radiocarbon Age(*)
Beta - 367307 SAMPLE : CTV12S11UE52 ANALYSIS : AMS-Standard delivery MATERIAL/PRETREATMENT : (organic material): acid/alkali/acid 2 SIGMA CALIBRATION : Cal BC 200 to 50 (Cal BP 2150 to 2000)	2110 +/- 30 BP	-24.9 o/oo	2110 +/- 30 BP



Fig. 11 – Paramento exterior da Muralha II (Est. XXII, na parte Norte).

Pelo interior, a muralha II está escalonada em patamares, representados pelos muros designados de Est. XIX, XX, XXV e XXVIII.

A estrutura XXV integra dois tramos, em alvenaria irregular, com orientação SE/NO e 11,50 m de comprimento e 2,25 m de altura máxima, com um único paramento, voltado a Este, com inclinação de 19°, prolongando-se para Sul onde assenta sobre os enchimentos da muralha precedente e, muito provavelmente, construída por cima do corredor. A parte superior e, de forma mais vincada, o segundo tramo, a NO, denotam um aparelho pouco cuidado e bastante irregular, com muitas afinidades com os muros de soalco, razão porque em 2011 foi incluído no conjunto de estruturas de cronologia contemporânea. Em

parte do tramo, a SE, reconhece-se uma área edificada em que a maioria das pedras em granito pode ter sofrido algum afeição superficial na sua face externa. Não possui grande uniformidade nas fiadas mas reconhece-se, em alguns sectores do paramento, alguma horizontalidade que não tem continuidade. Esta estrutura, que corresponde ao último pano de muralha interno, está bastante perturbada já que a construção do muro de socalco 3 aproveitou o alinhamento pré-existente, tendo-lhe acrescentado algumas fiadas de pedra.

Mais ou menos no enfiamento da Est. XXV, no extremo norte da muralha, identificaram-se as Est. XIX e XX. A primeira, composta por dois tramos em alvenaria irregular, tem 7,55 m de comprimento por 1,20 m de altura máxima e uma inclinação de 17°; a segunda, muito destruída, tem apenas 1,35 m de comprimento por 0,50 m de altura. As características técnicas destes muros e o seu posicionamento sugerem uma articulação com a Est. XXV, configurando o conjunto o patamar superior interno da muralha.

A Est. XXVIII, que corresponde ao primeiro patamar defensivo, revela melhor cons-

trução, bem patente no afeiçãoamento de algumas das pedras de granito e na procura de uniformidade das fiadas. Com cerca de 22,00 m de comprimento por 1,50 m de altura máxima e inclinação de 19°, engloba dois tramos com orientação SE/NO.

A limpeza dos enchimentos da muralha mostrou que a Est. XXVII, que corresponde à face interna de uma muralha mais antiga, deverá ter estado funcional durante esta fase, estruturando um socalco intermédio, no conjunto defensivo. Assim sendo, a Muralha II alcançava uma largura na base à volta dos 9,00 m, apresentava uma face externa bastante cuidada, com uma inclinação entre 9 e 14° e o interior escalonado em três patamares, estreitos, que na totalidade alcançavam uma altura superior a 5,00 m, numa solução construtiva que ao mesmo tempo que reduzia a tensão provocada pela mole pétrea, criava a solução de acesso ao topo da estrutura.

3.2. Muralha I

A muralha mais antiga identificada está representada pelas estruturas IV, XVI, XLV e XXVII. Da Est. IV, que corresponde à face

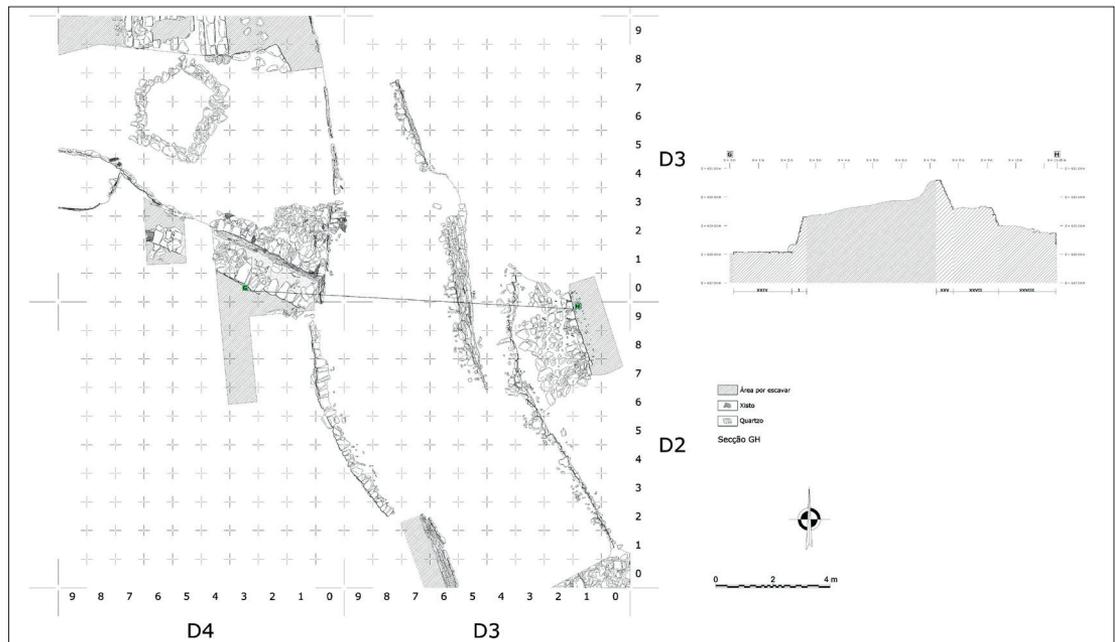


Fig. 12 – Secção relacionando o reforço do torreão (Est. XXIV), a face externa da Muralha I (Est. IV) e os patamares da face interna da Muralha II (Est. XXV, XXVII e XXVIII).

exterior, foram reconhecidos, em plano, dois tramos, um no extremo SE, com 3,65 m de extensão e outro, no extremo NO, com 11,15 m. Enquanto o primeiro tramo se “esconde” no miolo pétreo do enchimento da muralha mais recente, sendo a sua identificação mais problemática, o segundo tramo, tapado pelo entulho de terra do enchimento do torreão, revela claramente uma costura que resultou do seu encontro com a Est. II, quando esta foi construída. É neste ponto que se observam as características da face exterior da muralha, que revela um desnível máximo de cerca de 3,70 m e uma inclinação de 8°. Foi construída com pedras de quartzo, granito, pegmatito e xisto, com forma, dimensão e talhe irregulares, admitindo-se que alguns elementos graníticos possam ter sofrido algum afeiçoamento na face externa. De uma forma geral, as fiadas não possuem uniformidade, sendo as juntas pequenas e irregulares colmatadas com elementos pétreos de pequenas dimensões. A Est. XLV, também interpretada como um tramo da face exterior da muralha, localiza-se no extremo norte e tem somente 3,10 m de comprimento, com uma altura máxima de 1,15 m. O paramento voltado a NO, com uma inclinação de cerca de 15°, possui pouco mais de 1,00 m bem conservado, junto à Est. XXII, onde é visível, como já foi referido, a costura entre ambas. As características do aparelho do muro são semelhantes ao da Est. IV, aceitando-se a sua contemporaneidade.

A continuidade da Est. IV para SE parece estar representada pela Est. XVI, pequeno muro com orientação NO/SE com um paramento voltado a Oeste que faz cunhal com a Est. II. Muito destruído pelo saque de pedra, já só se reconhecem algumas pedras junto da Est. I.

Quanto à Est. XXVII, que interpretamos como a face interna desta muralha, foi detectada numa extensão de 10,50 m, alcançando a altura máxima de 1,50 m. Este muro, construído com blocos de forma, dimensão e talhe muito irregulares, distribuídos em fiadas pouco horizontais e separados por juntas bastante largas, revela qualidade muito inferior à da face externa da muralha.



Fig. 13 – Ponto de contato da Est. IV (Muralha I) com a Est. I (Muralha II).

Embora as sondagens não tenham mostrado, claramente, a correlação desta muralha primitiva com um corredor, definido pelas Est. II e III, estamos certos que todos os muros assinalados se articulam, reconhecendo-se, sem dúvida, semelhanças formais e técnicas entre a face exterior da muralha e estes dois últimos muros. A remodelação que a muralha sofreu deve ter causado perturbações muito significativas que ocultam, agora, a relação física que assumimos existir.

3.3. Corredor

O corredor, com uma configuração quase perpendicular à muralha, tem perfil longitudinal com orientação SO/NE e largura de 2,45 m. Está definido a Norte pela Est. II e a Sul pela Est. III, muros com um único paramento voltado, respectivamente, a SE e a NO. Construídos com blocos de granito, pegma-

tito, quartzo e xisto, com forma, dimensão e talhe irregulares, apresentam um aparelho sem uniformidade nas fiadas, com juntas largas e irregulares, colmatadas com pedras de pequenas dimensões. A Est. II tem 7,45 m de comprimento por 2,50 m de altura máxima e uma inclinação de 6° e a Est. III tem cerca de 7,25 m de comprimento por 2,25 m de altura máxima e uma inclinação de 14°. Enquanto na Est. II apenas se indicia, no extremo NE, um possível cunhal com face interna da Muralha I, na Est. III reconheceu-se, claramente, o cunhal com a face externa da mesma muralha (Est. XVI).

A escavação do corredor revelou um nível de utilização (UE72), com materiais carbonizados, tendo-se datado uma amostra que forneceu o seguinte resultado:

Sample Data	Measured Radiocarbon Age	¹³ C/ ¹² C Ratio	Conventional Radiocarbon Age(*)
Beta - 367308 SAMPLE : CTV13S20UE72 ANALYSIS : AMS-Standard delivery MATERIAL/PRETREATMENT : (charred material): acid/alkali/acid 2 SIGMA CALIBRATION : Cal BC 480 to 460 (Cal BP 2430 to 2420) AND Cal BC 410 to 390 (Cal BP 2360 to 2340)	2380 +/- 30 BP	-26.2 o/oo	2360 +/- 30 BP

Quadro 2: Resultados de datação radiométrica, de sedimentos da UE72.



Fig. 14-15 – Paramentos do corredor (Est. II e III).

Tendo em atenção todos os elementos recolhidos podemos considerar que a muralha mais antiga do Castelo dos Mouros tinha orientação genérica NO-SE, duas faces, sendo a exterior melhor cuidada e com uma inclinação de 8°, uma largura próxima dos 7 m e altura nunca inferior a 3,70 m. No flanco sul rasgava-se uma porta simples que permitia o acesso ao interior, através de um corredor, longitudinal, com 2,45 m de largura. Esta estrutura, em funcionamento no século V a.C., segundo datação radiométrica, terá sido reformulada entre o século II e a primeira metade do século I a.C.

4. Torreão

Cobrindo uma área de cerca de 49 m2, em posição frontal e sensivelmente equidistante em relação aos limites da muralha, o torreão

apresenta planimetria ovalada na extremidade NO, encostando à Muralha I através de um muro recto.

Nos quadrantes oeste e SO restaram poucas fiadas de pedra em oposição ao lado sul onde ainda se conserva um paramento, com alguma altura, que à frente se descreve com a designação de Est. IX. Acompanhando o alinhamento ovalado existem muros de reforço, referenciados como Est. X e XII e, no lado norte, a estrutura primitiva foi ocultada e modificada, através da adição de um muro de contenção e pela integração, do que à época restaria, numa torre maciça, que é o elemento visível na atualidade e do qual nos ocuparemos mais à frente.

A Est. IX, interpretada como o muro perimetral do torreão, está bem caracterizada num segmento com orientação NO/SE, com 7,90 m de comprimento por 1,80m de altura, com um paramento voltado a SO, tendo uma inclinação de cerca de 8°. Encostado à Est. IV, está construído em blocos com forma, dimensão e talhe irregulares, apresentando um aparelho pouco cuidado. A reforçar a Est. IX,

na sua zona ovalada, identificaram-se dois muros designados por Est. X e Est. XII. Embora não tenha sido possível escavar a área que permitiria determinar a sua relação física, consideramos que são tramos da mesma construção de contrafortagem do torreão.

A Est. X, é um muro em alvenaria irregular, com inclinação de 16° , encostado à Est IX na extremidade SE e acompanhando o torreão numa extensão visível de 14,55 m, alcançando a altura máxima de 2,40 m. Apesar de se reconhecer numa extensão considerável, apenas podemos caracterizar cerca de 3,15 m, na sondagem 17, uma vez que o restante se encontra sob o muro de socorro 8, o que impede uma análise mais objectiva. Alguns dos elementos graníticos que compõem o muro demonstram terem tido algum afeiçoamento superficial mas, na sua grande maioria, as pedras apresentam faces externas sem qualquer acabamento. Reconhece-se alguma horizontalidade nas suas fiadas irregulares, interrompidas por elementos pétreos de grandes dimensões e mais toscos.

A Est. XII tem orientação E/O encurvando para Sul na extremidade este. O paramento norte, com uma extensão de 5,65 m, altura máxima de 2,70 m e inclinação de 19° , apresenta características técnicas semelhantes às da Est. X.

De uma época posterior à construção do torreão e dos respectivos muros de reforço, foi detectada uma estrutura, de difícil caracterização (Est. XXIV) pois só possui a coroa. O seu posicionamento, encostada ao tramo recto do torreão, sugere a função de apoio.

5. Torre

A análise cuidada dos paramentos dos muros e as sondagens realizadas nos quadrantes norte e este do torreão vieram mostrar que o local havia sido alvo de grandes remodelações em função da edificação de uma torre, provida de uma escadaria de pedra. Conectadas com esta construção temos as Est. VI, VII e VIII (alçados da torre), as Est. XI e XIII (muros de contrafortagem), a Est. XXI (muro de condenação de um vão de acesso à torre) e a Est. XXVI (escadaria da torre).



Fig. 16 – Encosto do muro do torreão (Est. IX) na face da Muralla I (Est. IV).

A torre, de configuração que se presume sub-retangular, integra os muros designados por Est. VI, VII e VIII, os quais definem os alçados SO, NE e Norte, respectivamente. A ligação destes muros configura cunhais angulares, estando o do vértice SE desmantelado. O lado oeste da torre não foi identificado, presumindo-se que o muro que o constituía se tenha desmoronado, sendo responsável pelo grande derrube de pedra que a escavação revelou. A relação e diacronia das Est. VI, VII e VIII parece ser óbvia, não obstante algumas pequenas dissimelhanças, que terão resultado de possíveis reparações e/ou reconstruções. Construídos com pedras, tendencialmente rectangulares ou sub-retangulares, notando-se em alguns elementos graníticos ligeiro afeiçoamento, os muros possuem aparelho pouco homogéneo, com fiadas mais ou menos horizontais, apresentando uma inclinação que varia entre 13° e 15° , com exceção do lado onde encosta a escada, que é quase vertical.

A Est. VI e a VII medem, respectivamente, 4,64 m e 3,30 m, mas estas medidas têm que

ser interpretadas com cautela, quanto a serem consideradas como as dimensões da torre. Quanto à Est. VIII, que se estende até 6,85 m, estamos em crer que incorporaria um muro de delimitação da acrópole, pelos lados oeste e sul, criando ao lado da escada um pequeno logradouro. A altura destes muros não ultrapassa os 2,70 m, no entanto, tendo em linha de conta a altura das Est. XI e XIII, que são muros de contrafortagem adossados do lado norte, a altura total do conjunto constituído pela torre e pelo soco onde esta assenta, atinge quase os 6,00 m. Há que considerar, ainda, que a torre poderia ter pisos em madeira, hipótese que ganha sentido a partir da observação de um oco, de secção quadrangular, registado no encontro da Est. XXI com o cunhal NE da torre. Este negativo revela que quando o vão de acesso à torre foi entaipado existia “colado” ao cunhal um pilar de madeira, que haveria de ter função importante para a estrutura, por forma a ser mantido no lugar. A partir desta evidência será lícito extrapolar

para a existência de uma estrutura mista de pedra e madeira, podendo o que agora vemos ser a base, maciça, elevando-se a partir daqui uma torre em madeira, com os cômodos necessários no seu interior.

Um elemento construtivo que importa relevar, diz respeito às fundações dos muros que constituem esta torre. Embora a base das Est. VI e VIII se encontrem ocultadas, a primeira pela escadaria de pedra que se lhe adossa e a segunda por um muro de reforço que contrafortou o lado norte, a base da Est. VII foi posta a descoberta durante o processo de escavação revelando assentar diretamente no sedimento de terra, o que explica alguma fragilidade patente no derrube do cunhal SE e na existência de alguns “remendos” no paramento, que parecem atestar reconstruções do muro em consequência de desmoronamentos. Esta característica contraria a preocupação observada na edificação da muralha, onde se cavou até à rocha dura, para dar solidez à base do muro.

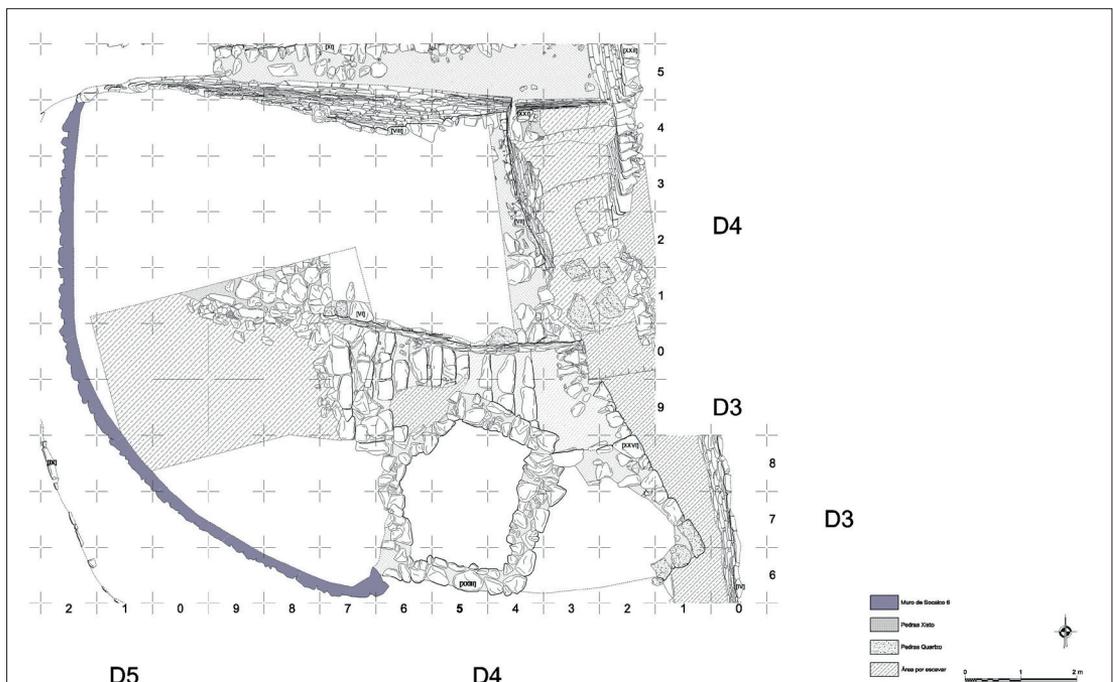


Fig. 17 – Planimetria da torre, com escadaria, ladeada pela Est. XXIII.

5.1. Escadaria

A escadaria da torre, representada pela Est. XXVI, encosta e acompanha o alinhamento do alçado sul (Est. VI). Possui 10 degraus, com um pequeno patamar definido por um murete, com uma só fiada de pedras e face interna, que se desenvolve até aos três primeiros degraus. Estes, parcialmente destruídos devido às raízes de um zimbro que se localizava nas imediações, apresentam alguma uniformidade nas dimensões que rondam os 0,35 m a 0,60 m de largura por 1,85 m de comprimento. O espelho entre eles também é mais ou menos homogêneo, variando entre 0,20 e 0,35 m. Alguns dos degraus foram parcialmente sobrepostos pelo muro de uma pequena construção, bastante tosca (Est. XXIII), de planta tendencialmente rectangular, com 2,90 m de comprimento por 2,40 m de largura e uma área útil de 6,96 m². Orientada no sentido NO/SE e aparentemente articulada com o muro de soca 6, foi interpretada como um abrigo, talvez posterior ao entaipamento do vão que dava acesso à zona da torre.

5.2. Muros de contrafortagem

Para contrariar a tensão provocada pela volumetria da torre e da grande massa onde esta assenta, foi necessário levantar muros de contrafortagem no quadrante norte. É neste contexto que surgirão as Est. XI e XIII, construídas em alvenaria irregular, com blocos de

granito e quartzo distribuídos em fiadas pouco horizontais, separadas por juntas bastante largas. Com orientação E/O e um único paramento voltado a Norte, possuem, a primeira, 6,65 m de comprimento por 2,35 m de altura e 12° de inclinação e a segunda 7,35 m de comprimento por 2,20 m de altura máxima e uma inclinação de 9°.

Quer um quer o outro muro de contenção descritos poderão também ter assumido papel ativo no acesso à torre. Esta hipótese baseia-se na sua forma rampeada, na largura que possuem e na existência de um vão entre a Est. XXII e o cunhal NE da torre, espaço que foi condenado por um murete (Est. XXI), em momento indeterminado. Da função de passagem ficaram evidências de um lajeado, sensivelmente à mesma cota quer do topo do muro de reforço (Est. XI), quer da base da escadaria de pedra (Est. XXVI).

FASEAMENTO E CRONOLOGIA DO SISTEMA DEFENSIVO

A manipulação da informação obtida até maio de 2014, através do registo da planimetria e paramentos das arquiteturas, dos dados estratigráficos das sondagens de escavação, do estudo prévio do espólio metálico e cerâmico e das datações radiométricas, permite-nos avançar com uma hipótese interpretativa de faseamento e cronologia do sistema



Fig. 18 – Torre, sobre o soco do torreão. No canto inferior direito vê-se o muro de contrafortagem do torreão (Est. XII); No canto superior esquerdo vê-se o muro que condenou o vão de acesso à torre (Est. XXI).



Fig. 19 – Escadaria para a torre.

defensivo do Castelo dos Mouros. Convém no entanto alertar para o sentido preliminar desta interpretação, uma vez que o processo de investigação ainda está em curso, prevenindo-se para breve mais uma campanha de escavações e sendo expectável que novos dados possam vir a alterar o quadro agora avançado. Deste modo, só recorrendo a unidades espaciais amplas, capazes de englobar ações diacronicamente comprovadas mas cuja amplitude temporal ainda não foi possível definir, poderemos enquadrar todas as estruturas defensivas, cuja tipologia apresentámos no ponto anterior.

Antes de mais, há que distinguir os *itens* claramente filiáveis na Idade do Ferro, representados pelos quatro elementos de início enumerados, o campo de pedras fincadas, o fosso, a muralha e o torreão e englobar num período pós-Idade do Ferro a torre com os respectivos acessórios, escadaria e muros de contrafortagem, assim como o abrigo designado por Est. XXIII.

Numa **primeira fase**, que situámos num momento precoce da Idade do Ferro, cerca do século VI-V a.C., colocamos a construção da Muralha I, provida de uma porta simples,

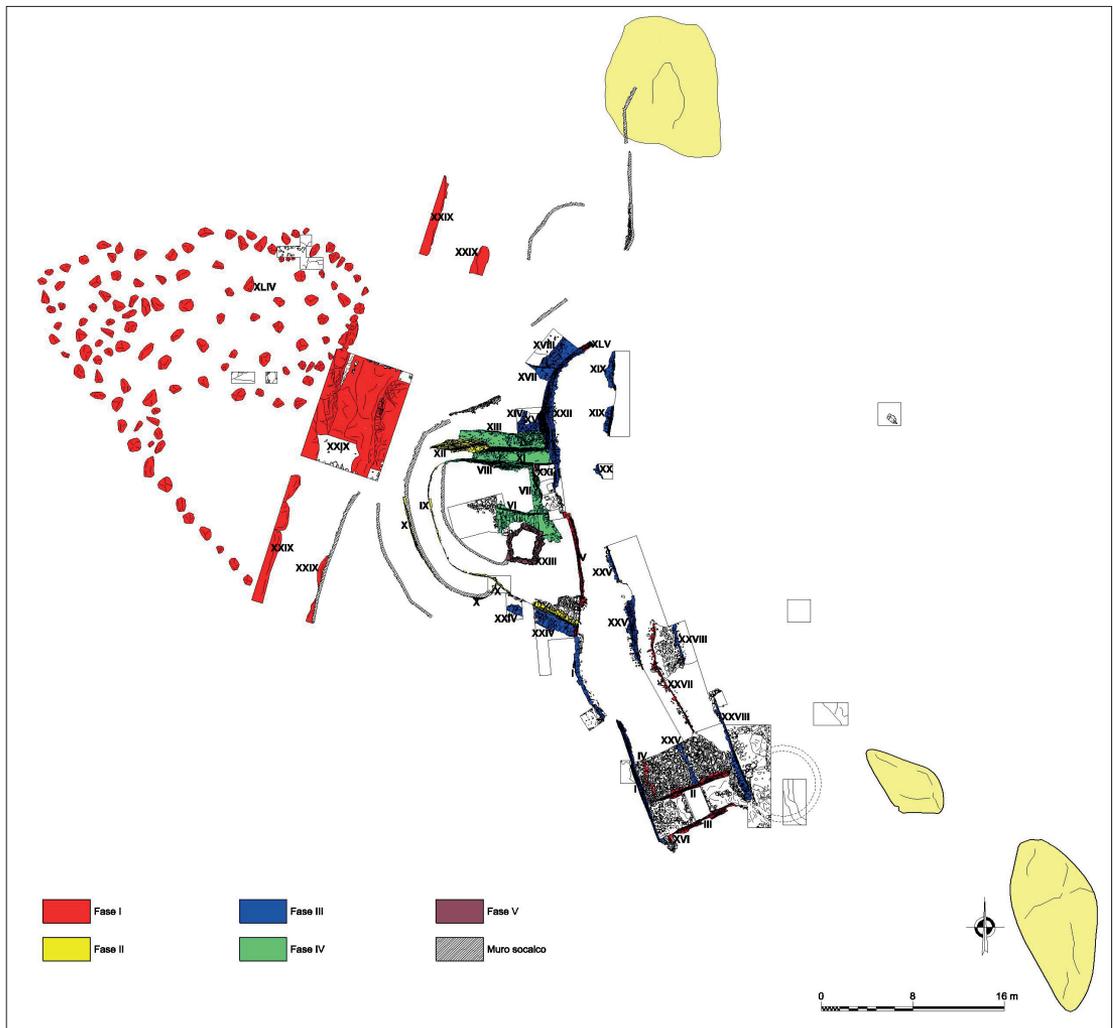


Fig. 20 – Fases construtivas.

rasgada no quadrante sul, por onde se acedia ao interior do povoado. Considerando que a pedra de construção da muralha, pelo menos grande parte dela, terá vindo da escavação do fosso, entendemos que estas duas estruturas serão contemporâneas. Como bem notou F. Queiroga (2003, 46), no Noroeste do país, a abertura dos fossos implicava a extração de muita pedra e terra que tinha que ser acondicionada, sendo a pedra preferencialmente usada na construção das muralhas. No fosso do Castelo dos Mouros identificaram-se abundantes afloramentos de pegmatito, pedra que também registamos, em percentagem considerável, na construção da muralha mais antiga, ao contrário do que se verificou nas outras fases de construção.

Embora com reservas, também aceitamos que a construção do campo de pedras fincadas tenha acontecido nesta fase. A estratigrafia das sondagens efectuadas não demonstrou, mas tão pouco infirmou tal possibilidade. Tendo em conta a topografia do sítio e a dimensão da maior parte dos blocos de quartzo, a operação de transporte afigura-se como algo de muito complicado, a não ser a partir de um lugar que fosse próximo do destino final a dar aos mesmos. A identificação de expressivos veios de quartzo, no interior do fosso, sugere que tenha sido esta a proveniência daqueles blocos. É claro que a sincronia construtiva do fosso e do campo de pedras fincadas pode ser posta em causa, pois é possível que estas últimas fossem extraídas e colocadas numa fase posterior. No entanto, essa possibilidade exigiria que o fosso não tivesse sido cavado de uma vez só, situação que não foi demonstrada nas sondagens de escavação levadas a cabo no local. De qualquer forma, esta é ainda uma questão em aberto, à espera de que novas sondagens possam avançar com mais desenvolvimentos.

Numa **segunda fase**, ainda dentro da Idade do Ferro, colocámos a edificação do torreão e dos respectivos muros de contrafortagem, essenciais à robustez de uma construção que alcançaria uma altura considerável. O espaço entre o fosso e a muralha, na parte média do seu troço, parece ser o local mais ajustado para aquela estrutura,

pois trata-se do ponto mais elevado do morro, a partir do qual o terreno desce para Norte, Sul e Oeste. Do lado este, o torreão encostou à Muralha I, mas isso só foi comprovado no encontro S/E. O encontro N/E continua a ser uma incógnita, porque a zona foi remodelada, aquando da implantação de uma torre. Que o torreão não foi construído ao mesmo tempo que a Muralha I é uma evidência, de contrário, o tramo da primeira estrutura que se esconde por detrás do torreão seria dispensável. Todavia, com os elementos que até ao momento conseguimos reunir, seria uma temeridade pretender-se afinar a cronologia desta construção. Mesmo assim, não podemos deixar de levantar uma série de hipóteses, cientes de que a sua discussão poderá ser um contributo para a clarificação desta problemática e uma orientação que pautará o rumo dos trabalhos futuros.

É possível que o acesso ao interior do povoado tivesse passado para esta zona, quando a porta sul foi condenada e entaipada e o corredor entulhado. A ser assim, o torreão não podia encostar à muralha do lado norte, tendo que definir um corredor com esta estrutura, solução que permitiria um controle da entrada bastante eficaz. Nesta caso, a hipótese mais provável é o arranque do muro de contrafortagem, designado por Est. XII, marcar a curvatura do muro do torreão e o início desta hipotética entrada. Admitindo como verdadeiro este pressuposto, a construção do torreão aproximar-se-ia, temporalmente, da reforma e monumentalização da muralha, quando a entrada sul foi desativada. Porém, esta tese parece esbarrar na dissemelhança dos paramentos da Muralha II e do torreão, não se encontrando explicação que possa compatibilizar o “aparato” estético do muro voltado ao exterior, da muralha mais recente, com o muro mais fruste do torreão, quando entendemos esta última estrutura como um elemento defensivo mas, acima de tudo, distintivo da afirmação e prestígio do povoado.

Numa **terceira fase**, já para os finais da Idade do Ferro, deverá ser colocada a reformulação e monumentalização da muralha do Castelo dos Mouros, processo que terá ficado a dever-se

a possíveis derrocadas da estrutura e a uma eventual necessidade de afirmação do povoado, no contexto local e regional, assumindo-se que esta estrutura para além do efeito defensivo funcionaria, também, como um *item* de prestígio para a comunidade que o habitava. A operação implicou a “colagem” de uma nova face exterior à muralha primitiva, com um aparelho extremamente cuidado, constituído por pedras bem ajustadas, dispostas em fiadas horizontais mais ou menos regulares e à construção de um novo muro, delimitador da face interior da muralha, com estruturação do miolo em três patamares, reutilizando-se o muro da face primitiva e construindo-se um outro, que marcaria o topo da edificação. A construção em patamares permitiu a redução progressiva da espessura da muralha com poupança de matéria-prima e, ao mesmo tempo, diminuição da tensão exercida pelo enchimento de pedra e terra sobre os paramentos. O emparedamento da muralha primitiva apenas deixou de fora um tramo ocultado pelo torreão e um outro, no limite NE da estrutura, já fora da linha de visão de quem se acerca do povoado, o qual talvez na época não oferecesse problemas de robustez.

Como já atrás se fez referência, os novos paramentos da muralha, tanto o exterior como o interior, entaiparam os limites do corredor de acesso ao povoado, sendo este totalmente entulhado com pedras e terra. A condenação deste vão poderá estar relacionada com a sua fragilidade, dado tratar-se de uma porta simples, com um corredor longitudinal e relativamente largo, ao contrário de outros sítios onde o acesso é dificultado pela utilização de portas em cotovelo e afunilamento do corredor (SASTRE BLANCO *et al.* 2014, 195-196). É esta a solução que pensamos ter sido posta em prática num novo vão que presumimos possa ter sido aberto no lado norte do torreão.

Com os poucos elementos estratigráficos e materiais registados nas sondagens que se sobrepuseram a estas estruturas, propomos para esta remodelação o espaço cronológico que medeia entre o século II e a primeira metade do I a.C., valorizando-se a datação dos sedimentos recolhidos no interior de um potinho em aba

soerguida, com lábio boleado e fundo plano, achado nos alicerces desta muralha, cuja deposição não enjeitamos tratar-se de uma ação imbuída de simbolismo.

A **quarta fase**, cronologicamente distanciada da Idade do Ferro, está relacionada com a desafecção e desmonte parcial do torreão e edificação de uma torre, angular, provida de uma escadaria de pedra, cuja construção obrigou a grandes obras de contrafortagem, no lado norte.

A torre, com vértices angulosos, contraria toda a lógica construtiva anterior, baseada na linha curva e a própria planta, que não conseguimos determinar na sua totalidade, aponta para um quadrilátero, mais ou menos regular em oposição ao círculo. Um dado que consideramos relevante tem a ver com a probabilidade deste edifício incluir registos em madeira, correspondendo a parte pétreia apenas ao embasamento da estrutura. Que os muros VI, VII e VIII apenas têm uma face, é uma evidência, pelo que o espaço interior que eles estruturam não se apresentar como funcional, e daí o aspecto maciço que o volume preservado mostra. Nesta lógica, a escadaria de pedra daria acesso à torre, na verdadeira acepção da palavra – *um edificio alto e forte para se acolherem n’elle do inimigo e de lá o ofenderem* (SILVA 1891, 913), sendo esta estruturada em madeira, de forma a poder crescer em altura sem acrescentar demasiada tensão aos contrafortes.

Um dos problemas que a colocação desta construção levanta prende-se com o acesso a partir do exterior, considerando que a muralha defensiva ainda estaria funcional e sem qualquer abertura facilitadora da passagem para o interior da zona amuralhada. Deste ponto a chegada à acrópole, onde se levantava a torre, seria possível através dos patamares, que constituíam a parte interna da muralha. Sem esta possibilidade, restaria o acesso direto, pelo topo de um dos muros de contrafortagem (Est. XI), contornando o ângulo NE da torre. A partir daqui, há evidência de um lajeado, à mesma cota que o patamar de onde arranca a escadaria que serve a torre. Para além deste lajeado, a hipótese desta solução tem ainda a seu favor a

condenação do vão que existiu no ângulo NE, atrás referido e o acabamento lajeado da coroa do muro (Est. XI), fazendo lembrar um caminho de ronda.

Sobre as motivações para a edificação desta torre não temos quaisquer dados, porém estamos certos que terá havido necessidade de a construir e que essa necessidade deverá articular-se com algum movimento de tensão bélica registado na região. A implementação da operação poderá ter ocorrido num contexto de reutilização da estrutura defensiva, provavelmente depois do abandono temporário do sítio, tal a descontinuidade arquitectónica verificada.

Com os dados que possuímos até ao momento, tentar uma aproximação cronológica é para já impossível, no entanto desde a disputa suevo-visigótica, após a submissão das populações romanizadas, até à reconquista cristã do território, talvez no período condal, passando pelas incursões do Islão, não faltam cenários bélicos propícios ao levantamento desta torre. Para qualquer um destes movimentos, a existência de um posto de vigia e de defesa, sobre o rio Douro, afigura-se muito importante e o Castelo dos Mouros conjugava diversas características que não seriam, de todo, de menosprezar.

A **quinta** e última **fase** relaciona-se com a existência de uma pequena construção (Est. XXIII), configurando planta pentagonal, irregular, com uma área útil inferior a 7,00 m² e abertura para Sul. De aspecto muito fruste, embora tenha reutilizado pedra com algum afeição superficial, talvez retirada da torre que já devia estar a arruinar-se, este edifício parece ter sido construído rapidamente, sem preocupação de durabilidade, portanto uma estrutura precária e temporária.

Inicialmente interpretada como um abrigo e conotada com os muros de socalco de época contemporânea, veio-se a confirmar maior antiguidade e registar-se estratigraficamente a sua implantação parcial sobre as escadas da torre, mas não inviabilizando totalmente a função destas. Por esta altura, já não deveria haver acesso direto à acrópole, a partir do exterior, uma vez que o vão de passagem, junto do vértice NE da

torre, havia sido emparedado. Sendo assim, o acesso teria que ser feito pelo miolo da muralha, provavelmente através de alguns tramos já caídos.

A proximidade deste abrigo à torre, parece ser indício de haver uma correlação entre as duas construções e, por conseguinte, uma outra utilização da estrutura defensiva. Conjugada a precariedade da Est. XXIII e aceitando que a torre já pudesse estar parcialmente arruinada, a função de posto de vigia e controle da passagem do rio e dos movimentos do lado de lá da fronteira parecem ser cenário provável. Se juntarmos a este quadro a presença, em meados do século XVII, de soldados portugueses, na zona de Ventuzelo, extraindo chumbo, de uma mina existente no lugar de Vale das Eiras, destinado a munições e o achado de uma moeda “blanca espanhola”, na UE10 da sondagem 5, junto da torre, poderemos conotar esta ocupação com as guerras da Restauração da Independência, que ocorreram entre 1640 e 1667.



Fig. 21-22 – Vistas para o Douro, a partir da acrópole do Castelo dos Mouros.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Desde as primeiras sondagens, realizadas no ano de 2011, que se constatara que a homogeneidade do edificado do Castelo dos Mouros de Vilarinho dos Galegos era apenas aparente. Este facto, aliado à grande perturbação dos contextos arqueológicos (fruto da cobiça dos pesquisadores de tesouros e da utilização oportunista da pedra das suas construções, por parte dos habitantes da aldeia de Vilarinho), serviu como condicionador de toda a estratégia do projeto, levando à implementação de metodologias de ação consentâneas com um registo mais detalhado, de maneira a não perder nenhum tipo de informação.

Com o evoluir dos trabalhos, a identificação de alinhamentos e alçados de diversas estruturas pétreas, postos a descoberto tanto no torreão como na torre e, principalmente, os relacionados com o interior da muralha, ampliou o testemunho das várias e significativas alterações arquitectónicas, confirmando sucessivas adaptações do sítio às exigências de organização dos espaços, determinadas por condicionalismos políticos, militares, económicos e/ou outros, das diferentes épocas.

Decorridas várias campanhas de escavação, que incidiram numa área já considerável e puseram a descoberto mais de uma centena de metros de muros, atrevemo-nos a fazer um primeiro exercício de sistematização e enquadramento das construções, num faseamento e cronologia que balizámos entre os séculos VI-V a.C e o século XVII, da nossa era.

Não obstante os grandes avanços já conseguidos, falta ainda muito por descobrir, até se esclarecerem as grandes dúvidas que se nos colocam sobre as várias fases construtivas reconhecidas. Esperemos que o futuro proporcione as condições e os meios necessários para levar a cabo novos trabalhos que possam colmatar as lacunas de conhecimento que nesta data ainda persistem.

BIBLIOGRAFIA

- DINIS, A. (2011). *Estudo e valorização do Castelo dos Mouros, Vilarinho dos Galegos, Mogadouro (Norte de Portugal), Relatório de Progresso 2011*, IGESPAR, Lisboa (policopiado).
- DINIS, A. (2012). *Estudo e valorização do Castelo dos Mouros, Vilarinho dos Galegos, Mogadouro (Norte de Portugal), Relatório de Progresso 2012*, DRCN, Porto (policopiado).
- DINIS, A. (2013). *Estudo e valorização do Castelo dos Mouros, Vilarinho dos Galegos, Mogadouro (Norte de Portugal), Relatório de Progresso 2013*, DRCN, Porto (policopiado).
- DINIS, A. & GONÇALVES, E. (2014a). "Projeto de investigação e valorização do Castelo dos Mouros (Vilarinho dos Galegos, Mogadouro): ponto de situação", *Actas do I Encontro de Arqueologia de Mogadouro - Mogadouro Abril de 2013*, Mogadouro, pp. 51-78.
- DINIS, A. & GONÇALVES, E. (2014b). "O Castelo dos Mouros de Vilarinho dos Galegos, Mogadouro (Bragança): Objectivos e resultados dos trabalhos realizados em 2011 e 2012", *Actas de las segundas Jornadas de Jóvenes Investigadores del valle del Duero 2012*, Leon, 225-239
- LEMOS, F. (1993). *Povoamento romano de Trás-os-Montes Oriental*, Dissertação de Doutoramento, Universidade do Minho, Braga.
- QUEIROGA, F. (2003). *War and Castros: New approaches to the northwestern Portuguese Iron Age*, BAR International Series 1198, Oxford.
- REDENTOR, A. (2003). "Pedras fincadas em Trás-os-Montes (Portugal)", *Atas de la Reunió Internacional Chevaux-de-frise i fortificació en la primera edat del ferro europea*, Universitat de Lleida, pp. 135-154.
- SASTRE BLANCO, J., GARIBO BODÍ, J., RODRÍGUEZ MONTERRUBIO, O. (2014). "Sistemas defensivos del Noroeste de la Península Ibérica: Zamora, León y Trás-os-Montes", *Actas de las segundas Jornadas de Jóvenes Investigadores del valle del Duero 2012*, Leon, 191-205.
- SILVA, A. (1891). *Dicionário da Língua Portuguesa*, vol. II, 8ª ed., Lisboa.
- SILVA, J. (1817). "Memória sobre as pesquisas e lavra dos veios de chumbo de Chacim, Souto, Ventozello e Villar de Rey na Provincia de Trás os Montes", *Memorias da Academia Real das Sciencias de Lisboa*, Lisboa, pp. 77-91.